

RESENHA

CORDERO, Néstor Luis. *A Invenção da Filosofia.*
1ªed.em português, São Paulo: Odysseus Editora, 2011. 248p.

Eraci Gonçalves de Oliveira
Doutoranda PPGF-UFRJ
Bolsista Capes

Muitos são os relatos e linhas de investigação que buscam seguir e analisar o surgimento e o desenvolvimento da filosofia grega. A via empreendida por Cordero em seu livro *A Invenção da Filosofia*, considera como Vernant que, surgida em meio às cidades pertencentes à civilização grega, a filosofia é um produto cultural de circunstâncias históricas específicas. A partir deste ponto de vista e, movido pelo interesse anunciado logo no início do prólogo, Cordero convida o leitor a se introduzir na filosofia grega pelo despertar de uma curiosidade saudável. O quanto de curiosidade se faz necessário para esta tarefa quando se tem às mãos um livro como este? O verbo utilizado no modo reflexivo – introduzir-se – talvez indique a reciprocidade do ato, de um lado um leitor curioso, do outro um livro atrativo, agradável e plenamente capaz de realizar a pretensão do seu autor. *A Invenção da Filosofia* de Néstor Cordero é basicamente um livro sobre filosofia antiga, e bem ao modo de uma introdução ele nos apresenta a ela mostrando-nos que, cientes ou não, costumamos pensar em grego. Apesar disto, o autor reiteradamente ao longo do texto incita o leitor a persistir na leitura para captar a perspectiva em que ele mesmo se move na escrita do livro, nas palavras de Cordero, “a seguir a nossa frequência desses primeiros passos da filosofia” (p. 12). Embora seja riquíssimo e requintado, o livro não exige nenhum especialista como leitor e, apesar da pretensão anunciada, ele nos chega como uma boa conversa que vai encantando, cativando até aceitarmos o convite para adentrarmos num universo distante no

tempo, porém atual e presente enquanto gênese de uma busca permanente.

Aproveitando-se bem do privilégio de possuir a certidão de nascimento da filosofia, a primeira parte do livro, relativamente grande, analisa seus primeiros passos, e se detém logo no período helenístico, ou seja, desde quando ela decididamente surgiu, 585 a.C. até 529 da nossa era, data do decreto do imperador Justiniano que proibiu o ensino da filosofia aos não-cristãos, e ocasionou o fechamento da academia platônica de Atenas, em pleno período helenístico. Segundo Cordero, os primeiros passos da filosofia, que desde sempre “era o que era” (p.12), eminentemente grega, foram determinantes para o que veio a seguir, o que justifica dedicar tantas páginas apenas às primeiras investidas filosóficas. A filosofia já nasce grande porque antes de ser considerada como uma atividade já existiam aqueles que “começaram a observar a realidade de uma perspectiva inédita com o objetivo de obter algumas certezas capazes de sustentar um determinado tipo de vida.” (p. 17). E é a determinação do onde e do quando do nascimento da filosofia que certifica a cumplicidade entre a filosofia e a Grécia, e desautoriza qualquer definição anacrônica e, além do mais, aquilo que seria um erro colossal segundo Cordero, o engodo evolucionista, que tende a considerar os movimentos primordiais da filosofia apenas como bosquejos do que viria ulteriormente. Assim os primeiros passos são analisados como momentos de uma existência já madura, pois, “a filosofia, como Adão e Eva, nasceu já adulta.” (p. 17)

Mas como se nasce maduro? Nasce-se maduro quando se traz em si além de uma necessidade, os próprios subsídios para resolvê-la; e Cordero aponta a primeira frase da metafísica de Aristóteles – “Todos os homens desejam naturalmente saber” – como um aceno para o tipo nascimento maduro da filosofia, em outras palavras, para a espécie de pertencimento entre o ser humano e a filosofia: se os homens desejam naturalmente saber, eles buscam o saber com o apetite de um animal auto subsistente, que tem além da fome, os recursos para se alimentar; ou seja, o saber desde sempre buscado pela filosofia é um alimento necessário para o viver humano, que apraz a alma assim como um bom prato satisfaz o apetite.

Mas por certa peculiaridade “a filosofia encarou desde cedo certos problemas de uma maneira especial” (p.18); surgiram assim as

respostas míticas, totalmente imbuídas por sua própria espécie de razão, consideração que Cordero compartilha com Vernant e Couloubaritsis, ambos citados, e que faz cair por terra a tão incensada concepção do milagre grego, da passagem do *mytos* ao *logós*; um problema falso segundo Cordero, certamente antevisto a partir de uma perspectiva anacrônica, e não a partir da especificidade da cultura grega. Entre o mito e a filosofia há uma diferença instrumental, a primeira, cujas criações anônimas são faladas, diferencia-se da segunda que reconhece autores, escolas, escritos. O mito nada deixa a desejar à filosofia, as questões que o mobilizam são os problemas fundamentais que desde sempre se colocam ao ser humano e que geram cosmologias, ou, quando se apresentam segundo um esquema genético, as chamadas cosmogonias. Outro detalhe curioso marca a relação estreita entre mito e filosofia: é possível que os relatos cosmológicos gregos que conhecemos através de citações dos filósofos encontrem-se contaminados por seus esquemas filosóficos. Excetuando Homero e Hesíodo – Cordero sugere que se poderia inverter a causalidade tradicionalmente atribuída entre mito e filosofia, e supor que as respostas mitológicas pretendem explicar aquilo que a filosofia não é capaz de racionalizar. Ele cita o mito de Eros inventado por Platão, que destoa de toda explicação tradicional, mas que se faz necessário por razões filosóficas, para justificar a existência de um intermediário entre o sensível e o inteligível.

A exceção de Hesíodo, cidadão-mitógrafo, restringe-se ao período de sua atuação, meados do século VIII antes de Cristo; se ele escreve é porque os gregos já haviam adotado a escrita, ele não expressa oralmente seus poemas, e além do mais vive em um lugar, Ascra, na Beócia, que já possui a estrutura social da *pólis*, logo, é um cidadão. Vinculada ao estabelecimento das cidades e à instituição da argumentação como forma de exercício da cidadania, o modo de se fazer filosofia parece já deixar suas marcas em Hesíodo. Nas palavras de Cordero: “Hesíodo, já cidadão (ou seja, habitante de uma *pólis*) expressa sua visão pessoal, ‘raciocinada’, do mundo mediante mitos que nada têm a ver com as narrações anônimas que pululavam em outras civilizações desde a noite dos tempos, e nunca se saberá se essa visão pessoal é uma criação sua ou uma modificação.” (p. 31). Cordero não hesita em afirmar que Hesíodo racionaliza seus mitos, tanto na *Teogonia*, quanto em *O Trabalho e os Dias*, estruturando-os

em função de uma visão de universo pessoal, da qual não estão ausentes preocupações que logo viriam a ser denominadas de ‘éticas’. A introdução da quinta idade ao tradicional mito das idades da humanidade é exemplar, e não adianta nos perguntarmos se ele a cria ou se ele a reproduz, porque não há testemunhos anteriores a ele.

Até mesmo os poemas homéricos, elaborados ao longo de no mínimo cinco séculos, e que apenas no começo do século VIII a.C. tomaram uma forma definitiva ao serem finalmente escritos, se encaixam na hipótese de inversão da causalidade pois, *pólis*, escrita e racionalidade são elementos afins. Além disso, os deuses homéricos são muito especiais e abrem as portas a outras indagações; primeiramente, não são criadores nem garantem a ordem universal, apesar de duas pequenas alusões ao longo de vinte e sete mil trezentos e noventa e três versos; segundo, para Cordero, já que os deuses gregos não são onipresentes, eles devem acatar um poder superior necessário; e numa passagem o texto Homero utiliza expressões impessoais para referir-se ao poder inelutável que estabeleceu a tripartição do todo entre Zeus, Poseidon e Hades, um estado de coisas imposto aos deuses. Mas o fato é que os gregos nunca tiveram um livro sagrado e, somente numa situação em que se ignora todo tipo de verdade revelada, pode-se aplicar a argumentação para se resolver os problemas do apetite natural de saber. No caso dos gregos, estes problemas não foram deixados nas mãos das divindades, nem mesmo consolidados em relatos míticos; foi assim que certos indivíduos, já detentores de conhecimentos técnicos (astrônomos, matemáticos, engenheiros) aplicaram a argumentação à especulação acerca da realidade vigente:

“Tudo é objeto de estudo enquanto realidade existente que, se existe, é porque tem uma razão de ser, um princípio, um elemento constitutivo essencial. Não é visto, claro está, e tampouco é detectado pelas ciências que cada um desses técnicos exerce. Por isso começaram a forjar hipóteses, que se tornam teses e mesmo teorias, caso se tome esta palavra no sentido estrito (teoria em grego, *theoría*, quer dizer ‘olhada’, de *theoráo*, um dos verbos que significam ‘ver’). Pouco depois se chamou ‘filosofia’ a esta olhada inédita sobre ‘o todo’, e isso ocorreu somente na Grécia.” (p. 28)

Todas as religiões oferecem respostas aos problemas fundamentais do ser humano, mas no caso da Grécia as respostas surgiram do pensamento livre e autônomo, e sem essa liberdade de espírito própria do mundo pagão, a filosofia não teria nascido; o que não impediu inúmeros processos por impiedade, dos quais o mais famoso é o de Sócrates, condenado à cicuta por desvirtuar os jovens e incitar novidades além do limite do aceitável num mundo pagão, que nem mesmo o seu *daimon* foi capaz de negar.

Com relação ao modo como o pensamento daqueles que primeiro filosofaram foi legado à humanidade, Cordero destaca o papel de Aristóteles e sua maneira de dialogar com seus antecessores no estabelecimento da sua própria filosofia, profundamente marcada pela convicção de que conhecer algo consiste em conhecer a sua *aitia*. Contudo, ao traduzirmos esta noção grega pelo termo *causa*, longe estamos de conceber que uma mentalidade grega como a de Aristóteles ao se referir à *aitia* busca a razão de ser de algo, ou seja, pretende abarcar o todo da sua realização, enquanto fim a que responde, enquanto proveniência, enquanto componente de que consta e é feito, e enquanto processo pelo qual a coisa vem a ser, ou seja, tecer uma explanação geral acerca da coisa. Conforme o escopo abarcador do pensamento aristotélico, pensadores como Tales, por exemplo, responderam a demanda pela *aitia* apenas com noções que coincidem com o *do que é o que é*, o que mais tarde convencionou-se chamar de causa material, ou seja, os princípios materiais de que algo consta e é feito.

Mas precisamos recorrer a explicações com relação ao uso dos termos: em Aristóteles o que se traduz por material também escapa ao escopo atual da noção; como explica Cordero, esse *material* é uma espécie de natureza permanente que se mantém estável ainda que mude tudo que se produz a partir dela. E ele complementa que, paulatinamente foi se forjando no seio da cultura grega, que gerou a filosofia, a noção de princípio – *arkhé* – valor imanente que permanece no todo como o principal, aquilo sem o qual o todo não existiria; contudo, ou quiçá, pela riqueza dessa significação – ser o princípio principal – a noção de *arkhé* foi tomada posteriormente como *ser*.

Conquanto se possa considerar que, o pensamento pré-socrático como apresentado por Aristóteles sirva especificamente aos

seus propósitos, isto é, estabelecer o seu próprio pensamento, não se pode esquecer que, embora Aristóteles não se proponha a ser um historiador, o uso que ele faz do pensamento pré-socrático, acaba por servir também a historiografia. E acrescentamos: serve não apenas a historiografia, mas, sobretudo, destaca nuances (por exemplo, do pensamento de Parmênides). Apesar de a apropriação servir a determinado fim, ela não deixa de apontar para uma possibilidade de leitura e de entendimento de um pensamento fértil, e capaz de explodir em diversos matizes. Conforme explicita Cordero:

“Segundo ele [Parmênides], antes de responder a questão da origem ou causa da realidade, é preciso admitir, e, vá lá, que ‘há coisas’, que ‘há realidade’. A partir desta observação, óbvia, mas que os filósofos anteriores não tinham considerado pertinente esclarecer, começa a filosofia de Parmênides, pois admitir que ‘há coisas’ (ou seja, ‘entes’) é o ponto de partida de uma busca que vai caracterizar a filosofia desde então: a elucidação do *ser* das coisas. Parmênides, consciente, sem dúvida, da importância do passo gigante que se propõe a realizar, escolhe uma *mise-en-scène* eminentemente didática (donde a poesia) para comunicar sua mensagem e inventa a partir do zero seu método desejado.” (p. 94)

O método adequado, que atinge a meta visualizada, também é o de *A Invenção da Filosofia*, em tudo e por tudo um livro que cumpre o que se propõe, apresenta a filosofia e conquista o leitor, que se vê mobilizado pela mais saudável curiosidade. Atualmente, já no início do século XXI, tão distantes da emergência da filosofia em meio à *pólis* grega, ainda devemos nos voltar para a sua história; revisitar constantemente este processo mantém acesa a chama do questionamento, algo tão caro não apenas nos primórdios da filosofia, mas enquanto nos ocuparmos permanentemente da recriação, apesar das mazelas deste espaço que nos é comum, a nossa *pólis*, a nossa casa, a nossa vida em comunidade.

